

CORPO DE DELITO

O bom talher

Tem consciência da crise e das dificuldades, fala delas, preocupa-se, mas nunca lhe ouvi uma má palavra gratuita a culpar quem quer que seja



Rui Patrício

Nos últimos quatro meses tenho ido com frequência ao tribunal de S. João Novo, no Porto, onde se julgam processos-crime. Um sítio recheado de histórias, e histórias calhadas para uma crónica chamada "corpo de delito". Mas não direi uma palavra sobre isso, pelo menos hoje. Fico-me por outro relato, também para os lados de S. João Novo, mas ao almoço, entre sessões no tribunal. Acontece que o almoço costuma ser – por economia logística e também por gosto – num pequeno restaurante chamado O Bom Talher, que fica na Rua do Comércio do Porto, a meia dúzia de passadas do tribunal. O Sr. Manuel Gomes é o dono do restaurante e também o seu empregado mais activo e diligente. Converso bastante com ele sobre os mais variados temas, especialmen-

te sobre a crise, as dificuldades e o modo como no restaurante procura enfrentá-las. E observo-o, observo-o muito, e também à esposa, que lá trabalha, e aos poucos empregados. Conversando e observando, vou aprendendo. Aprendo sobre a arte de bem servir, mas sobretudo sobre como empreender e como lidar com as dificuldades, sejam elas estruturais, sejam conjunturais: trabalho, empenho, qualidade, criatividade, dedicação, boa cara; e trabalho, mais trabalho.

Nunca ouvi ou observei queixumes ao Sr. Manuel sobre a falta de apoios do Estado aos restaurantes quando os clientes diminuem ou gastam menos, nem tão-pouco lhe notei tiques de certos agricultores ou homens de cultura, activos apenas a reclamar subsídios para a sua actividade. Também nunca lhe surpreendi uma palavra sobre a receita para as dificuldades ser a manutenção, intransigentemente, da sua jornada (e a dos seus) de oito horas de trabalho, até porque suspeito que não saiba, a não ser teoricamente, o que isso seja. Nunca lhe ouvi uma palavra ou observei um gesto sobre carregar nos empregados e aliviar em si ou na esposa, antes

pelo contrário. Creio também que não pede créditos para pagar outros créditos, nem sonha com especíarias, ouro ou sereias de além-mar.

O Sr. Gomes tem um restaurante e amanha-o, tira da terra que tem o melhor que ela lhe pode dar, e sua; se sangra ou chora, não sei, mas que sua, isso sua. Vejo-o sempre a girar, atento aos clientes; de manhã cedo, quando subo para o tribunal, já está no restaurante, a fazer alguma coisa, e sei que antes já foi às compras. Tem consciência da crise e das dificuldades, fala delas, preocupa-se, mas nunca lhe ouvi uma má palavra gratuita a culpar quem quer que seja, de braços caídos e semblante carregado. E nunca por nunca o apanhei sentado ao volante, amodorrado na praça de táxis, a ler o jornal gratuito ou mesmo a rressonar. Como se não bastasse o que faz e não faz e já aqui deixei dito, também lhe falta isso para ser um empreendedor português de gema, dos que sabem como se faz mas não fazem, dos que opinam mas não agem, dos que choramingam, invejam ou condenam mas não tentam construir.

Advogado. Escreve ao sábado



Nunca ouvi queixumes ao Sr. Manuel sobre a falta de apoios do Estado aos restaurantes

FILIPPE CASACA